

O BESTSELLER INTERNACIONAL

Philippa
Gregory

*Catarina
de Aragão*

A Princesa
Determinada



Civilização
Editora

Catarina de Aragão, a Princesa Determinada



Philippa Gregoy

Para Anthony

Catarina de Aragão nasce Catarina, Infanta da Espanha, de pais que eram reis e cruzados. Aos três anos, foi prometida ao príncipe Artur, filho e herdeiro de Henrique VII da Inglaterra, e é educada para ser Princesa de Gales. Sabe que o seu destino é reinar sobre aquela terra distante, húmida e fria.

A sua fé é posta à prova quando o futuro sogro a recebe no seu novo país com uma grande afronta; Artur parece ser pouco mais do que uma criança; a comida é estranha e os costumes vulgares. Lentamente, adapta-se à sua primeira corte Tudor, e a vida como mulher de Artur vai-se tornando mais suportável. Inesperadamente, neste casamento arranjado começa a nascer um amor terno e apaixonado.

Mas, quando o jovem Artur morre, ela tem de construir o seu próprio futuro: como pode ser agora Rainha da Inglaterra e fundar uma dinastia? Só casando com o irmão mais novo de Artur, o alegre, mas mimado, Henrique. O pai e a avó de Henrique são contra; os poderosos progenitores de Catarina revelam-se de pouca utilidade. No entanto, Catarina é filha de sua mãe e o espírito lutador é indomável. Fará qualquer coisa para alcançar o seu objectivo; mesmo que tal implique contar a maior das mentiras, e mantê-la.

"A capacidade de Gregory de criar suspense prende a atenção do leitor..."

PUBLISHERS WEEKLY

"Quando se fala em escritores de ficção histórica, Philippa Gregory está entre os melhores."

DAILY MAIL

"Philippa Gregory é uma contadora de histórias hipnotizante." THE SUNDAY TELEGRAPH

"Gregory reconstitui sabiamente a vida na corte real espanhola." **THE TIMES**

Philippa Gregory é uma reconhecida escritora e animadora de rádio e televisão. Possui um Doutorado em Literatura do Século XVIII pela Universidade de Edimburgo. Foi largamente elogiada pelos seus romances históricos, incluindo *The Other Boleyn Girl* (que foi adaptado para o canal de televisão inglês BBC), *A Espia da Rainha* (publicado pela Civilização Editora) e *O Amante da Rainha Virgem* (no prelo da Civilização Editora), todos eles *bestsellers* internacionais. Vive no Norte da Inglaterra com a família. Para obter mais informações sobre a autora, visite www.philippagregory.com.

Philippa Gregory, em *Catarina de Aragão - A Princesa Determinada*, volta a provar que, por trás do rosto aparentemente familiar da História, se esconde uma história espantosa: de mulheres guerreiras que influenciam o futuro da Europa, de heróis respeitáveis que cometem erros profundos e de uma história de amor por contar que muda o destino de uma nação.



Princesa de Gales

Granada, 1491



Ouviu-se um grito, seguido do crepitante ruído do fogo que envolvia as cortinas de seda, e em seguida um crescendo de gritos e pânico que se espalhou de uma tenda para a outra acompanhando as chamas, saltando de um estandarte de seda para outro, subindo por cordas e irrompendo através de portas de musselina. Depois, os cavalos relincharam aterrorizados e os homens gritaram para os acalmar, mas o terror das suas próprias vozes tornava tudo pior, até que toda a planície se acendeu com milhares de chamas enraivecidas, e a noite se contorceu com o fumo e se encheu de berros e gritos.

A menina, que saía da cama com medo, chamava a mãe, em espanhol, e gritava:

- São os Mouros? Os Mouros vieram-nos buscar?

- Meu Deus, salva-nos. Estão a incendiar o acampamento! - gritava a ama. - Virgem Maria, vão violar-me e trespassar-vos com as suas alfanges.

- Mãe! - chamava a criança, esforçando-se por sair da cama. - Onde está a minha mãe?

Correu para o exterior, com a camisa de dormir a bater-lhe nas pernas, as cortinas da tenda agora iluminadas e em chamas atrás de si num interno de pânico. Milhares de tendas do acampamento estavam incendiadas, com faúlhas sendo lançadas para o escuro céu nocturno como fontes de fogo. que se alastravam como uma nuvem de pirilampos para propagar o desastre.

- Mãe! - gritava por ajuda.

Das chamas surgiram dois cavalos pretos, enormes, como bestas míticas gigantes que se moviam como uma só, de um negro intenso, contra a claridade do fogo. Lá em cima, mais alto do que alguém poderia imaginar, a mãe da criança inclinou-se para falar com a filha que tremia e cuja cabeça não atingia a altura do ombro do cavalo.

- Fica com a ama e porta-te bem - ordenou a mulher, sem vestígios de medo na voz.

- Eu e o pai temos de sair a cavalo e mostrar-nos.

- Deixai-me ir convosco! Mãe! Vou ficar queimada. Deixai-me ir! Os Mouros vão apanhar-me!

- a menina levantava os braços na direcção da mãe.

A luz do fogo cintilava de modo estranho na sua armadura e nas grevas ornamentadas das pernas, como se fosse uma mulher de metal, uma mulher de prata e dourado, enquanto se inclinava para a frente e ordenava:

- Se os homens não me virem, vão desertar - afirmou asperamente. - Não queres que isso aconteça.

- Não quero saber! - A criança choramingava em pânico. - Não me interessa mais nada além de vós! Pegai-me!

- O exército está em primeiro lugar. - A mulher, montada no alto do cavalo negro, decretou: - Tenho de ir.

Virou a cabeça do cavalo no sentido contrário ao da filha apavorada.

- Volto para te vir buscar - disse, por cima do ombro. - Espera aqui. Agora tenho de fazer isto.

Indefesa, a criança observou o pai e a mãe cavalgarem para longe.

- Madre! - protestava. - Madre! Por favor! - mas a mulher não voltou para trás.

- Vamos ser queimadas vivas! - Madilla, a sua ama, gritava atrás de si. - Correi, correi e escondi-vos!

- Podeis calar-vos! - A criança voltou-se para ela com um súbito rancor irritado. - Se eu, a própria Princesa de Gales, posso ser deixada num acampamento a arder, então vós, que, de qualquer forma, não passais de uma mourisca, podeis seguramente aguentar.

Observou os dois cavalos a andar de trás para a frente entre as tendas queimadas. Por todos os sítios onde passavam os gritos eram acalmados e alguma disciplina regressava ao acampamento aterrorizado. Os homens formavam filas, transportando baldes até ao canal de irrigação, passando do terror à ordem. O general corria desesperadamente entre os seus homens, batendo-lhes com a parte lateral da espada, obrigando aqueles que ainda há pouco estavam a fugir a formar um batalhão alinhado, e mandou-os colocar em formação de defesa, na planície, para o caso de os Mouros terem reparado no pilar de fogo. através das suas seteiras negras, e resolverem sair para atacar e tomar o acampamento durante o caos. Mas nenhum mouro apareceu nessa noite; mantiveram-se atrás das altas muralhas do seu castelo, interrogando-se quais seriam as mais recentes maldades que os loucos cristãos estariam a inventar na escuridão, demasiado receosos para surgirem no meio do Inferno que os cristãos haviam criado, suspeitando que se trataria de uma qualquer armadilha dos infiéis.

A criança de cinco anos observou a determinação da mãe vencer o próprio fogo. a sua certeza de rainha extinguir o pânico, a sua fé no êxito sobrepor-se à realidade do desastre e da derrota. A menina, sentada numa das arcas do tesouro, prendeu a camisa de dormir em volta dos pés descalços, e esperou que o acampamento se acalmasse.

Quando a mãe voltou para junto da filha, encontrou-a de olhos secos e calma.

-Catarina, estás bem? - Isabel da Espanha desmontou do cavalo e voltou-se para a sua filha mais jovem e mais preciosa, controlando-se para não se ajoelhar e abraçar a pequenina. A ternura não educaria esta criança como uma guerreira de Cristo, a fraqueza não deve ser incentivada numa princesa.

A criança era tão dura quanto a mãe.

- Eu estou bem agora - disse.

- Não tiveste medo?

- Nenhum.

A mulher inclinou a cabeça em sinal de aprovação.

- Isso é bom - afirmou. - É o que espero de uma princesa da Espanha.

-E Princesa de Gales - acrescentou a filha.



Esta sou eu, a menina de cinco anos. sentada em cima da arca tesouro, de rosto branco como mármore e olhos azuis escancarados de medo, recusando tremer a morder os lábios para não voltar a chorar Esta sou eu. concebida num acampamento por pais que são rivais e amantes, nascida num momento intercalado entre duas batalhas, num Inverno de cheias torrenciais, educada por uma mulher forte que usara armadura, em campanha durante toda a minha infância. destinada a lutar pelo meu lugar no mundo, lutar pela minha fé contra outra, lutar pela minha

palavra contra a de outro: nascida para lutar pelo meu nome. pela minha fé e pelo meu trono. Sou Catarina. Princesa da Espanha, filha dos dois maiores monarcas que o mundo alguma vez conheceu: Isabel de Castela e Fernando de Aragão. Os seus nomes são temidos do Cairo a Bagdade, a Constantinopla e á Índia e mais além. por todos os Mouros, em todas as suas inúmeras nações: turcos, indianos, chineses; os nossos rivais, admiradores, inimigos até á morte. Os nomes dos meus pais são abençoados pelo Papa como os mais importantes reis a defenderem a fé contra o poder do Islão, são os mais importantes cruzados da Cristandade, assim como os primeiros reis da Espanha; e eu sou a sua filha mais nova. Catarina. Princesa de Gales, e serei Rainha da Inglaterra.

Desde os três anos estou prometida em casamento ao príncipe Artur, filho do rei Henrique da Inglaterra, e quando fizer quinze anos. navegarei para o seu país num belo navio, com o meu estandarte desfraldado no topo do mastro, e serei sua mulher e depois sua rainha. O seu país é rico e fértil - repleto de fontes e o som de água a correr, pleno de frutas mornas e perfumado por flores, e será o meu país. tomarei conta dele. Tudo isto foi acordado praticamente desde o meu nascimento, sempre soube que seria assim: e apesar de lamentar deixar a minha mãe e a minha casa. afinal, nasci princesa, destinada a ser rainha, e sei qual é o meu dever.

Sou uma criança de convicções absolutas, sei que serei Rainha da Inglaterra porque é a vontade de Deus. e a ordem da minha mãe. P. acredito, tal como toda a gente no meu mundo, que Deus e a minha mãe são geralmente da mesma opinião: e a sua vontade concretiza-se sempre.



De manhã, o acampamento fora de Granada era uma confusão húmida de cortinas chamuscadas, tendas destruídas, pilhas de forragem fumegantes, tudo destruído por uma vela colocada sem cuidado, Não existia alternativa senão a retirada. O exercito espanhol cavalgara com todo o orgulho para montar cerco ao último reino dos Mouros na Espanha, e tudo fora destruído pelo fogo. Teria de voltar para trás. para se reagrupar.

- Não, não vamos recuar - ordenou Isabel da Espanha.

Os generais, convocados para uma reunião de emergência sob um toldo ligeiramente queimado, afastavam as moscas que esvoaçavam em volta do acampamento, a banquetear-se com os destroços.

- Vossa Majestade, por esta estação, perdemos - disse-lhe calmamente um dos generais. - Não é uma questão de orgulho nem de força de vontade. Não temos tendas, não temos abrigo, fomos destruídos pela má sorte. Temos de voltar e abastecer-nos novamente, voltar a montar o cerco. O vosso marido - acenou com a cabeça para o homem moreno e bonito que estava ligeiramente à parte do grupo, a ouvir - sabe que é assim. Todos o sabemos. Voltaremos a montar o cerco, eles não nos derrotarão. Mas um bom general sabe quando tem de retirar.

Todos os homens assentiram com a cabeça. O senso comum ditava que nada poderia ser feito além de libertar os Mouros de Granada do seu cerco durante esta estação. A batalha continuaria. Já durava há sete séculos. Cada ano vira gerações de reis cristãos aumentar as suas terras, em detrimento dos Mouros. Cada batalha fizera recuar um pouco mais para sul o, durante muito tempo, respeitado domínio muçulmano de *al-Andalus*. Mais um ano, não faria qualquer

diferença. A menina, encostada a um poste húmido de uma tenda que cheirava a cinza molhada, observava a expressão serena da mãe. Nunca se alterou.

- De facto, é uma questão de orgulho - corrigiu-o. - Estamos a lutar contra um inimigo que conhece o orgulho como nenhum outro. Se tugirmos nas nossas roupas chamuscadas, com as carpetes queimadas enroladas debaixo do braço, vão rir-se até ao al-Yanna, o seu paraíso. Não posso permiti-lo. Mas, acima de tudo: é a vontade de Deus que combatamos os Mouros, é a vontade de Deus que avancemos, Não é a vontade de Deus que recuemos. Por isso, temos de avançar.

O pai da criança voltou a cabeça com um sorriso espantado, mas não manifestou opinião contrária. Quando os generais olharam para ele, fez um pequeno gesto com a mão.

- A rainha tem razão - afirmou. - A rainha tem sempre razão.

- Mas não temos tendas, não temos acampamento! Ele dirigiu a questão à rainha.

- O que pensais?

- Construámos um acampamento - decidiu.

- Vossa Majestade, destruámos tudo o que existia nas várias milhas circundantes. Atrevo-me a dizer que nem sequer um *kamiz* conseguiríamos costurar para a Princesa de Gales. Não temos tecido. Não temos tela. Não há cursos de água. não há colheitas nos campos. Rebentamos os canais e colhemos as culturas. Acabamos com tudo; mas somos nós que estamos destruídos.

- Construámos em pedra. Presumo que tenhamos pedra?

O rei disfarçou uma breve gargalhada com um som de quem limpava a garganta.

- Estamos rodeados por uma planície de rochas áridas, meu amor - afirmou. - Se há algo que temos, é pedra.

- Então, construiremos, não um acampamento, mas uma cidade de pedra.

- Não é possível fazê-lo. Ela voltou-se para o marido.

- Vai ser feito - disse. - E a vontade de Deus e a minha. Ele acenou com a cabeça.

- Vai ser feito! - Lançou-lhe um sorriso rápido e cúmplice. - É meu dever velar para que a vontade de Deus seja satisfeita; e meu prazer reforçar a vossa.



O exército, derrotado pelo fogo, recorreu, em alternativa, aos elementos terra e água. Trabalharam como escravos sob o calor do sol e o frio das noites. Cultivaram, como lavradores, os campos pelos quais pensaram que avançariam triunfantemente. Esperava-se que todos, cavalaria, oficiais, generais, os grandes senhores do país. os primos do rei, trabalhassem sob o calor do sol e se deitassem no chão duro e frio à noite. Os Mouros, observando das ameias altas e impenetráveis do forte vermelho construído na colina, sobre Granada, admitiram que os Cristãos tinham coragem. Ninguém poderia dizer que não eram determinados. E todos também sabiam que estavam condenados. Nenhuma força conseguiria conquistar o forte vermelho de Granada, nunca caíra em dois séculos. Fora construído no alto de um rochedo, sobre uma planície que era uma bacia ampla e alva. Não poderia ser surpreendida por um ataque sub-reptício. O rochedo de rocha vermelha que ascendia da planície transformava-se

imperceptivelmente nas paredes de pedra vermelha do castelo, elevando-se cada vez mais alto; não havia escadas que atingissem o topo. ninguém conseguiria escalar uma encosta tão abrupta. Talvez pudesse ser atraído por um traidor; mas quem seria louco ao ponto de abandonar o poder firme e sereno dos Mouros, com todo o mundo conhecido atrás de si, com uma fé inegável a apoiá-los. para se juntar à loucura raivosa do exército cristão cujos reis possuíam apenas alguns hectares montanhosos da Europa e que estavam desesperadamente divididos? Quem queria abandonar al-Yanna, o jardim, que era a imagem do próprio Paraíso, dentro das muralhas do mais bonito palácio da Espanha, o mais belo palácio da Europa, pela anarquia rude dos castelos e fortalezas de Castela e Aragão?

Da África, chegariam reforços para os Mouros, tinham amigos e aliados, de Marrocos ao Senegal. O apoio viria de Bagdade, de Constantinopla. Granada poderia parecer pequena, comparada com as conquistas de Fernando e Isabel, mas, por trás de Granada, estava o maior império do mundo - o império do Profeta, louvado seja o seu nome.

Mas, surpreendentemente, dia após dia, semana após semana, aos poucos, combatendo o calor dos dias de Primavera e o frio das noites, os Cristãos fizeram o impossível. Primeiro, foi uma capela construída em círculo, como uma mesquita, uma vez que era o que os construtores locais conseguiam fazer mais rapidamente; em seguida, uma pequena casa, de telhado plano dentro de um pátio árabe, para o rei Fernando, a rainha Isabel e a família real: o Infante, o seu precioso filho e herdeiro, as três filhas mais velhas: Isabel, Maria, Joana, e Catarina, a bebé. A rainha pediu apenas um telhado e paredes, há anos que participava na guerra, não estava à espera de luxos. Depois, havia uma dúzia de abrigos em pedra, em volta, que os grandes senhores aceitaram relutantemente como aposentos. Em seguida, porque a rainha era uma mulher dura, havia estábulos para os cavalos e armazéns protegidos para a pólvora e os preciosos explosivos, comprados em Veneza, pelos quais penhorou as suas próprias jóias; então, e só então, foram construídas as casernas e cozinhas, armazéns e outros edifícios. Assim, surgiu uma pequena cidade, construída em pedra, onde antes existira um pequeno acampamento. Ninguém pensou que seria factível; mas, parabéns! foi feito. Chamaram-lhe Santa Fé, e Isabel voltou a triunfar sobre o azar. O amaldiçoado cerco de Granada, levado a cabo pelos determinados e loucos reis cristãos, iria continuar.



Catarina. Princesa de Gales, deparou com um dos grandes senhores do acampamento espanhol em conversa sussurrada com os amigos.

- Que estais a fazer, Don Hernán? - perguntou com toda a confiança precoce de uma criança de cinco anos que nunca estivera longe da mãe. cujo pai não era capaz de lhe negar nada.

- Nada. Infanta - respondeu Hernán Pérez del Pulgar com um sorriso que lhe indicava que podia voltar a perguntar.

- Estais sim.

- É segredo.

- Eu não digo nada. Princesa! Iríeis contar. É um segredo tão grande! Um segredo demasiado grande para uma menina pequenina.

- Eu não conto nada! A sério que não conto! - Pensou. -Prometo por Gales.
- Por Gales! Pelo vosso próprio país?
- Por Inglaterra?
- Por Inglaterra? A vossa herança? Ela assentiu com a cabeça.
- **Por** Gales e por Inglaterra e pela própria Espanha.
- Bem, então. Se fazeis uma promessa tão sagrada, vou contar-vos. Jurais que não contaís à vossa mãe?
- Ela fez sinal com a cabeça, com os seus olhos azuis escancarados.
- Vamos entrar em Alhambra. Conheço uma porta, uma portinha secreta, que não é bem vigiada, onde podemos forçar a entrada. Vamos entrar, e adivinhei?
- Ela abanou a cabeça vigorosamente, o seu rabo-de-cavalo castanho a oscilar sob o véu. como uma cauda grossa de um cachorro.
- Vamos dizer as nossas orações na mesquita deles. E eu vou deixar uma Avé-Maria gravada num cartaz que fixarei ao chão com um punhal. O que vos parece?
- Era demasiado jovem para perceber que eles se dirigiam para uma morte certa. Não fazia ideia das sentinelas em cada porta, da raiva impiedosa dos Mouros. Os seus olhos brilhavam de entusiasmo.
- Ides?
- Não é um plano maravilhoso?
- Quando ides?
- Esta noite! Hoje mesmo!
- Não vou adormecer ate voltarem!
- Tendes de rezar por mim. e depois ir dormir, e. de manhã, eu próprio voltarei, Princesa, e contarei tudo. a vós e à vossa mãe.
- Jurou que nunca adormeceria e manteve-se acordada, bastante rígida na sua cama-berço. enquanto a ama se virava de um lado para o outro sobre o tapete junto da porta. Lentamente, as suas pupilas descaíram até as pestanas repousarem nas bochechas redondas, as mãozinhas descaídas, relaxadas e Catarina adormeceu.
- Mas de manhã, ele não apareceu, o seu cavalo não estava nos estábulos e os amigos estavam desaparecidos. Pela primeira vez na vida. a menina tomou consciência do perigo que ele correria -perigo mortal, e por nada, além da glória, e para ser tema de uma canção.
- Onde está ele? - perguntou. - Onde está Hernán? O silêncio da ama. Madilla, avisou-a.
- Vai aparecer? - perguntou, subitamente desconfiada. - Ele vai voltar?



lentamente, apercebo-me de que ele talvez não vá voltar, que a vida não é como uma balada, onde uma vã esperança triunfa sempre e um homem bonito nunca perde a vida na juventude. Mas se ele pode falhar e morrer, o meu pai também pode morrer' A minha mãe pode morrer? E eu, posso? Até eu? A pequena Catarina Infanta da Espanha e Princesa de Gales
Ajoelho-me no espaço circular sagrado da recém-construída capela da minha mãe; mas não estou a rezar. Estou a reflectir neste mundo estranho que subitamente se abre diante de mim. Se

estivermos certos - e eu tenho a certeza de que estamos; se estes homens jovens e bonitos têm razão - e eu tenho certeza de que têm - se nos e a nossa causa estamos sob a mão especial de Deus. então, como podemos alguma vez falhar?

Mas se percebi alguma coisa mal. então, algo está muito errado, e somos todos de facto mortais, talvez possamos falhar. Mesmo o belo Hernán Perez del Pulgar e os seus amigos risonhos, mesmo a minha mãe e o meu pai podem falhar. Se Hernán pode morrer, o mesmo pode acontecer à minha mãe e ao meu pai. E se é assim, que segurança existe no mundo? Se a Madre pode morrer, como um soldado comum, como uma mula a puxar uma carroça de equipagem, como tenho visto homens e mulas morrerem, como pode o mundo continuar? Como pode existir um Deus?



Chegara a altura da audição da sua mãe àqueles que pretendiam apresentar pedidos e aos amigos, e subitamente ali estava ele, nos seus melhores trajos, de barba penteada, os olhos a dançar, e toda a história contada: como se haviam vestido com roupas árabes, de modo a passarem por habitantes da cidade no meio da escuridão, entrado sub-repticiamente pela porta das traseiras, corrido até à mesquita, como se haviam ajoelhado e sussurrado uma Avé-Maria e fixado com um punhal a oração, no chão da mesquita, e depois, ao serem surpreendidos por guardas, haviam lutado para escapar, cara a cara, investindo e defendendo-se, as lâminas reluzindo à luz da lua; recuado pela rua estreita, saído pela porta que haviam forçado alguns momentos antes, e escapado para a noite, antes de ser dado o alarme geral. Sem um arranhão, sem perder nenhum homem. Um triunfo para eles e uma bofetada no rosto de Granada.

Era uma grande partida pregada aos Mouros, era bastante engraçado gravar uma oração cristã em pleno coração do seu lugar sagrado. O gesto mais maravilhoso para os insultar. A rainha estava encantada, assim como o rei, a princesa e as irmãs olhavam para o seu guerreiro, Hernán Pérez del Pulgar, como se fosse um herói dos romances, um cavaleiro da época de Artur de Camelot. Catarina batia as palmas deliciada com a história, e pedia-lhe que a contasse e recontasse, vezes sem conta. Mas no seu íntimo, lá bem no fundo, recordava o arrepio que sentira ao pensar que ele não voltaria.

A seguir, aguardaram a resposta dos Mouros. Era seguro que viria. Sabiam que o inimigo encararia a aventura como o desafio que era, iria haver resposta. Não tardou muito.

A rainha e os filhos visitavam Zubia, uma aldeia perto de Granada, para que Sua Majestade pudesse ver, por si mesma, as paredes inexpugnáveis do forte. Havia cavalgado com uma guarda ligeira e o comandante estava lívido de terror quando correu na sua direcção, na pequena praça da aldeia, e gritou que os portões do forte vermelho se haviam aberto, e os Mouros saíam disparados, o exército completo, armados para atacar. Não houve tempo para voltar ao acampamento, a rainha e as três princesas nunca conseguiriam cavalgar mais depressa do que os cavaleiros mouros, que montavam garanhões árabes, não havia nenhum lugar para se esconderem, nem sequer para pararem.

Numa corrida desesperada, a rainha Isabel subiu para o terraço da casa mais próxima, puxando a princesinha pela mão. pelas escadas que se desfaziam, com as irmãs a correrem atrás.

-Tenho de ver! Tenho de ver! - exclamava.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

